

## **4**

### **As relações entre Pedro e Carolina**

#### **4.1**

##### **Introdução**

Neste capítulo serão abordadas as relações entre Pedro e Carolina e a participação do professor como mediador dos impasses criados por estes dois alunos. Na primeira parte deste capítulo faremos uma análise das interações a partir dos dados de sala de aula. A segunda parte tratará dos dados provenientes das entrevistas com os alunos e professor com o propósito de construir o conhecimento através do ponto de vista dos participantes e obter diferentes perspectivas de interpretação de dados.

#### **4.2**

##### **Análise dos enquadres de conflito em sala de aula**

Depreendemos através da comunicação verbal e não-verbal entre Pedro e Carolina que tanto alinhamentos de respeito, cooperação e solidariedade, quanto alinhamentos de confrontação, provocação e hostilidade fazem parte das interações co-construídas na aula. Os segmentos a seguir serão analisados obedecendo à ordem cronológica em que ocorreram na aula. O primeiro segmento trata de posturas divergentes em relação à atividade da cópia do quadro negro e como, a partir destas diversidades, surgem os conflitos; no segundo segmento vemos um movimento reparatório de Carolina em relação a Pedro, que vem a ser uma maneira de solucionar o conflito vivido no segmento anterior. O terceiro e quarto segmentos tratam de uma discussão entre Pedro e Carolina em relação ao término da aula. Esta discussão tem início no terceiro segmento e, como não é totalmente resolvida, reaparece no quarto segmento. A resolução do conflito somente ocorre com a entrada do professor na briga entre Pedro e Carolina.

Ilustro a seguir os momentos da aula a serem tratados neste capítulo e em que momento ocorrem na aula:

Tabela 9 – Enquadres analisados

| Enquadres/Tarefas acadêmicas |                         | Tópicos pedagógicos e pessoais |
|------------------------------|-------------------------|--------------------------------|
| ■                            | 2* Conflito/Explicação  | A cópia                        |
| ■                            | 4* Orientado/Cópia      | A cópia                        |
| ■                            | 10* Conflito/Cópia      | Sair 6a feira à noite          |
| ■                            | 16* Conflito/Exercícios | Sair 6a feira à noite; futebol |

\* Números e cores correspondem aos enquadres do diagrama da Figura 3.

#### 4.2.1

##### Divergências em sala de aula – alinhamentos de rivalidade

O primeiro momento conflitante na aula ocorre aos vinte e um minutos e vinte e dois segundos durante a tarefa de explicação da matéria. O professor encontra-se de pé em frente ao quadro negro construindo e explicando como é a construção da tabela. Estão todos interagindo dentro do enquadre orientado para a tarefa acadêmica, onde o professor ocupa o lugar de falante primário, posicionando a turma inteira como ouvinte primário.

##### Enquadre de conflito durante a tarefa de explicação ■ 2

Duração do segmento: 1'37''

|     |            |  |
|-----|------------|--|
| 88  | Professor: | eles têm que ser iguais. não podem ter linhas a mais, nem linhas a menos   |
| 89  | Carolina   | └nem linhas a menos( )=  |
| 90  | Professor: | =exatamente, mas a gente tem mais uma regra no início entendeu?  |
| 91  |            | tipo esse aqui, este começa com 2 regras ....agora reduz pela linha  |
| 92  |            | 1( ) aqui será que é o 7? parece que sim. ( )  |
| 93  |            | aqui reduz pela regra....3 e aqui pelo 6. ( ) agora como é que   |
| 94  |            | eu vou usar essa regra para fazer a análise sintática?=<br>=professor?   |
| 95  | Marcos:    | {Carolina→Professor}   |
| 96  | Carolina:  | └dá um tempinho aí.  |
| 97  | Marcos     | eihn professor ?   |
| 98  | Professor: | ah?  |
| 99  | Marcos:    | eu entendi o estado mas não entendi o (como aplica).   |
| 100 | Professor: | tá bom, como constrói?=<br>=ali parou?=<br>=parou porque não tem mais estados para criar então vou explicar rapidamente como se constrói isso.                       |
| 101 | Paulo:     |  |
| 102 | Professor: |  |
| 103 |            |  |
| 104 | Pedro:     | deixa a gente copiar, depois você explica.   |
| 105 | Carolina:  | não, explica logo.   |
| 106 | Pedro:     | ┌aí ele explica e não dá pra copiar.<br>[irritado, olhando para Carolina ]   |
| 107 | Professor: | vou explicar, depois vão poder copiar. a primeira regra começa sempre com essa regra inicial que expliquei- depois sempre que o ponto aparece antes do terminal ( ). |
| 108 |            |  |
| 109 |            |  |

Vemos logo no início deste segmento (linhas 88-90) que Carolina e o professor estão operando dentro de um micro-enquadre de cooperação permeado de uma *sincronia rítmica* (Erickson & Shultz, 1982). Este ritmo conversacional compartilhado é percebido através da **justaposição** da fala da Carolina (um recurso paralingüístico) e através do **conteúdo** de sua fala (usa as mesmas palavras que o professor). Vejamos a interação a seguir:

88 Professor: eles têm que ser iguais. não podem ter linhas a mais, nem linhas a menos  
 89 Carolina nem linhas a menos( )=  
 90 Professor: =exatamente, mas a gente tem mais uma regra no início entendeu?

Carolina faz um *dueto* justaposto com o professor (Falk, 1979) e isto revela envolvimento conversacional. Seguindo Gumperz (1982:2): “entender o outro pressupõe a existência de envolvimento conversacional” e é precisamente isto que vemos ocorrer entre o professor e Carolina. Carolina mostra que está acompanhando o raciocínio do professor, que está interessada, que ratifica o enquadre em curso e finalmente que adquiriu a mesma competência que o professor, par mais competente daquele grupo. O professor por sua vez, ratifica imediatamente a aluna (linha 90), aceitando seu alinhamento cooperador e alimentando mais ainda a relação de dueto entre eles. Existe neste momento, em função do conhecimento da matéria, uma maior simetria entre Carolina e o professor e uma distância maior entre ela e os colegas.

No entanto, na linha (96) Carolina muda de alinhamento através de seu pedido “dá um tempinho aí”. Ela se re-alinha com seus colegas, no sentido de precisar, como eles, de um tempo para copiar a matéria antes que o professor prossiga com a explicação do conteúdo.

Com a entrada de Pedro na interação, Carolina muda novamente de alinhamento e assume uma postura de rivalidade em relação a ele. Examinemos a seguir como o conflito se desenvolve a partir desta mudança de alinhamento:

{Carolina→Professor}  
 96 Carolina: [dá um tempinho aí  
 97 Marcos eihn professor ?  
 98 Professor: ah?  
 99 Marcos: eu entendi o estado mas não entendi o (como aplica).  
 100 Professor: tá bom como constrói?=  
 101 Paulo: =ali parou?=

- 102 Professor: =parou porque não tem mais estados para criar então vou explicar  
 103 rapidamente como se constrói isso.  
 104 Pedro: deixa a gente copiar, depois você explica.  
 105 Carolina: não, explica logo.  
 106 Pedro: [ ai ele explica e não dá pra copiar.  
 [irritado, olhando para Carolina ]  
 107 Professor: vou explicar, depois vão poder copiar.

Na linha (104) Pedro faz o **mesmo** pedido ao professor que Carolina fizera alguns turnos antes (linha 96), mas desta vez Carolina muda de alinhamento frente à tarefa da cópia e decide discordar de Pedro (linha 105). Considero que ela está indo mais contra o colega do que a favor do professor porque momentos antes ela tinha feito este mesmo pedido. Portanto, parece se tratar de uma posição de rivalidade em relação a Pedro. O professor se alinha cooperativamente com ela, automaticamente frustrando Pedro. Esse expressa sua irritação através de pistas contextuais como a elevação do tom de voz e a expressão facial visivelmente irritada com Carolina, que não o ajuda a negociar com o professor a realização da explicação após a cópia da matéria. O professor mascara um *alinhamento de oposição* em relação a Pedro na medida em que resolve explicar a matéria antes da cópia. Kyratzis & Guo (2001) definiram este alinhamento como uma *estratégia indireta para mascarar uma posição de oposição*. Embora o professor não esteja usando a conjunção “e” esta está implícita em seu discurso na linha (107) ao propor efetuar a cópia depois e, desta maneira, não desagradar Pedro diretamente.

#### 4.2.2

#### Convergências em sala de aula - alinhamentos reparatórios

No próximo segmento veremos que estratégia Carolina utiliza para se re-aproximar de Pedro e como ela envolve o professor em um outro enquadre de conflito.

#### Enquadre orientado para a tarefa da cópia ■ 4

Duração do segmento: 31”

- 110 Paulo: ( ).  
 111 Professor: não é isso não. independente ( ).  
 [envolve alguns números em azul]  
 112 Irene: aquele ali você não envolveu? aquele é um “+”.  
 113 Professor: não isto é um “r”.

|     |            |   |
|-----|------------|---|
| 114 | Carolina:  | ┌ não, aquela coisa horrível é um “r” gente.<br>[rindo] |
| 115 | Professor: | aonde que é ?<br>[rindo]                                |
| 116 | Carolina:  | teu “r” tão achando que é “+”.<br>[sorrindo]            |
| 117 | Irene:     | a.: isso é um “r”?                                      |
| 118 | Carolina:  | é um”r”.  |
| 119 | Pedro:     | regra 3 aquilo ali ?                                    |
| 120 | Professor: | é.  |
| 121 | Carolina:  | é ....não ali é “+ 6”.                                  |
| 122 | Professor: | aqui é “+ 6”, e aqui é “+”.<br>{Carolina →Pedro}        |
| 123 | Carolina:  | “r6” é só o último.<br>[virando o torso]                |

Durante a tarefa da cópia surge uma dúvida por parte de Irene sobre o que está escrito no quadro (linha 112). O professor a ratifica através de uma resposta de esclarecimento direta. Então Carolina resolve tomar a palavra no momento seguinte, passando para um alinhamento de brincadeira, fazendo uma crítica à letra do professor. Dirige-se a todos os colegas usando o substantivo “gente” para atrair a atenção destes e assim torná-los cúmplices do seu desejo de ridicularizar a letra do professor. Quando Carolina enquadra sua fala antagônica como brincadeira (linha 114) e o professor ratifica este alinhamento (linha 115), percebemos que seu discurso antagônico carrega uma metagemagem de *rapport*. Tanto o professor quanto a aluna estão compartilhando um código informal (usar o advérbio “não” no início da frase para expressar surpresa; entender que “uma coisa horrível” é a letra) e fazem uma leitura de pistas paralingüísticas (riso e sorriso) e de pistas prosódicas (tom de voz aumentado na fala da Carolina) que os ajudam a discriminar os limites entre a provocação e a agressividade. Como diz Straehle (1993) numa relação mais distante e formal a provocação é evitada, ao passo que numa relação mais íntima a provocação é procurada.

Durante a atividade da cópia o professor assume a posição de participante *circunstante* (Goffman, [1981] 1998) e os alunos passam a ser mais colaborativos uns com os outros. Eles podem se ajudar a aprender porque o professor permite que os alunos tenham acesso na participação dos papéis de *expert* (Lave & Wenger, 1991). Neste enquadre orientado para a cópia, Carolina se alinha como ajudante de Pedro, como se estivesse no papel da irmã que auxilia o irmão em um

momento difícil. Por isso podemos dizer que o alinhamento de provocação perante o professor serve para que Carolina se una mais aos colegas. O uso do humor também serve para diminuir o mal estar entre Pedro e Carolina construído durante a tarefa da explicação (seção 4.2.1).

Concentremos-nos no final do segmento do enquadre orientado para a cópia:

```

119 Pedro:   regra 3 aquilo ali ?
120 Professor: é.
121 Carolina: é ....não ali é “+ 6”.
122 Professor: aqui é “+ 6”, e aqui é “+”.
              {Carolina→Pedro}
123 Carolina: “r6” é só o último.
              [virando o torso]

```

Pedro recebe a atenção de Carolina na linha (121) e na linha (123) sem que este tenha lhe pedido ajuda. Na linha (121) ela mostra que entende melhor a pergunta do colega do que o próprio professor tendo este que ratificá-la na linha (122). Carolina sinaliza que quer cooperar com Pedro, assumindo um alinhamento cooperador em relação a ele. Este alinhamento solidário ou de camaradagem se diferencia radicalmente da postura de rivalidade visto nos turnos anteriores:

```

104 Pedro:   deixa a gente copiar, depois você explica.
105 Carolina: não, explica logo.

```

Seu discurso esclarecedor na linha (123) parece ser um ato reparatório ao seu alinhamento mais assertivo da linha (105). Assim, utilizando a *estratégia da fraternidade* (M. H. Goodwin, 2001) Carolina procura implicitamente fazer as pazes com seu colega.

### 4.2.3

#### Alinhamentos de confrontação em sala de aula

Os dois segmentos seguintes estão relacionados, pois giram em torno do mesmo tópico: Pedro quer antecipar o término da aula e Carolina reage negativamente diante deste desejo. Nos dois segmentos anteriores vimos que Carolina expressa sua hostilidade e depois resolve reparar este alinhamento em relação ao colega Pedro. A seguir veremos como a interação entre estes dois

integrantes da turma toma outro rumo: eles discutem abertamente e não conseguem se entender. Veremos até que ponto esta discussão expressa realmente uma hostilidade ou é meramente uma forma sedutora que Pedro e Carolina encontram para se relacionar.

#### 4.2.3.1 A briga de amor

Todos os alunos encontram-se no enquadre orientado para a tarefa da cópia quando de repente se deparam com uma discussão que envolve Carolina, Irene e Pedro. Instala-se assim um enquadre de conflito.

#### Enquadre de conflito durante a tarefa da cópia ■ 10

Duração do segmento: 29''

|                |  |
|----------------|--|
|                | [Turma está copiando a matéria do quadro em silêncio.]                                       |
| 221 Pedro:     | /(            )/.<br>[reclamando]<br>{Carolina→Pedro}  |
| 222 Carolina:  | ┌ a:: que saco, perai::  |
| 223 Irene:     | ┌ a:: que garoto chato::<br>[virando a cabeça para falar com ele]                            |
| 224 Pedro:     | ┌ i::<br>[olhando para a Carolina]   |
| 225 Professor: | ┌ isso é briga de amor.<br>[sorrindo e provocando risos na turma]<br>{Carolina→Professor}    |
| 226 Carolina:  | ┌ se ele não quer assistir aula, que vá embora.<br>{Pedro →Professor}                        |
| 227 Pedro:     | ┌ é porque ela é velha e vai pra casa dormir e eu sou novo e vou                             |
| 228            | pra night.   |
| 229 Carolina:  | ┌ mas você pode a qualquer hora filhinho. se eu sou velha eu vou                             |
| 230            | pra casa dormir, você deve estar desesperado (    ).<br>[virando o torso para falar com ele] |
| 231 Pedro:     | ┌ i::<br><br>[Turma continua copiando do quadro em silêncio]                                 |

Carolina e Irene que estão funcionando em um alinhamento cooperador (linhas 222 e 223), ameaçam diretamente a face de Pedro, que estava resmungando sobre alguma coisa. A reclamação de Carolina e o xingamento de Irene são dirigidos a Pedro em voz alta para silenciá-lo e assim deixam evidente que há um choque de expectativas entre elas e Pedro quanto à aula. Todos os

alunos estavam alinhados com o enquadre orientado para a tarefa da cópia, mas somente Carolina e Irene expressam seu descontentamento em relação ao colega.

Na linha (225) o professor intervém na discussão assumindo um alinhamento humorístico para denunciar o que ele acha que está acontecendo entre Pedro e Carolina. Analisemos sua declaração:

225 Professor: [isso é briga de amor.  
[sorrindo e provocando risos na turma]

É de conhecimento compartilhado entre todos os presentes que Pedro e Carolina sempre implicam um com o outro por motivos mais latentes do que manifestos, ou seja, a turma ratifica o professor através da pista paralingüística do riso porque sabem a quem ele está se referindo e do quê ele está falando. Entendendo a briga como sendo “de amor”, ele tenta amenizar o ambiente de hostilidade criado entre Pedro e Carolina. A agressividade contida nesta briga tem, segundo o professor, uma metagemagem de sedução, amor e solidariedade.

#### 4.2.3.2 A revelação de Carolina

A entrada do professor na interação cai como uma luva para Carolina que aguardava uma oportunidade para revelar o que Pedro estava fazendo quando estava resmungando atrás dela. Nada melhor do que expor a face do colega e mostrar, de passagem, que ela não é como Pedro que não está interessado na aula:

225 Professor: [isso é briga de amor.  
[sorrindo e provocando risos na turma]  
{Carolina→Professor}  
226 Carolina: [se ele não quer assistir aula, que vá embora.

Na linha (226) Carolina se justifica com o professor pois ela precisa salvar a sua face, que ficou ameaçada com a declaração do professor sobre sua relação com Pedro. Ela utiliza o pronome “ele” para se referir ao colega e desta forma, transforma o professor em ouvinte primário, dando-lhe o direito de intermediar o conflito vigente. Conseqüentemente relega Pedro ao papel de ouvinte secundário como forma de denegrir sua imagem perante o professor e a turma. Ao usar o pronome “ele”, Carolina também está excluindo Pedro da interação que ela está

construindo com o professor. Critica Pedro com o professor, na frente de Pedro, como se este não estivesse presente. Este alinhamento foi nomeado por Cook-Gumperz & Szymanski (2001) como a *estratégia de criticar/censurar terceiros*. Foi também considerado por Straehle (1993) como um *alinhamento de provocação*. Visto de outro ângulo, existe uma preocupação de Pedro e Carolina com a face um do outro e por isso o papel de mediador do professor funciona para que eles possam expressar seus sentimentos e assim serem ajudados a resolver o conflito.

#### 4.2.3.3

##### A denúncia de Pedro

Pedro procura salvar sua face (linha 227) agredindo Carolina (a chama de velha), justificando deste modo sua vontade de querer que a aula termine mais cedo. Pedro se vangloria do seu hábito de sair 6<sup>a</sup> feira a noite porque é novo, posicionando Carolina como uma velha que não tem lazer na 6<sup>a</sup> feira:

|            |   |
|------------|---|
|            | {Pedro →Professor}  |
| 227 Pedro: | 「é porque ela é velha e vai pra casa dormir e eu sou novo e vou |
| 228        | pra night.  |

É de conhecimento compartilhado entre os alunos e o professor que Carolina é a mais velha (32 anos) e Pedro o mais novo (18 anos) da turma. Existe também um sentido pejorativo no uso deste adjetivo, pois parece ser usado para denegrir a imagem de Carolina – ela é posicionada como quem não consegue se divertir e aproveitar a noite de 6<sup>a</sup> feira. Os dois sentidos do adjetivo “velha”: o literal, que refere-se à idade cronológica, e o figurado, que possui um sentido derogatório tornam **ambíguo** o seu discurso. Pedro consegue mascarar a sua hostilidade, empregando uma *estratégia de indiretividade*<sup>36</sup> (Brown & Levinson, 1978) que é neste caso a ironia. O insulto “velha” que funciona para exaltar a sua pessoa e denegrir Carolina **diante** do professor e dos outros colegas, lembra à estratégia encontrada por Kyratzis & Guo (2001) e Straehle (1993) descrita na

<sup>36</sup> As *estratégias de indiretividade* correspondem a fazer um ato de ameaça à face de forma indireta, como por exemplo, quando o falante faz uso da ironia ou da metáfora, para que o interlocutor precise fazer uma série de inferências a fim de entender a intenção do que foi dito. As várias interpretações que este ato sugere, protegem o falante no sentido dele não precisar se responsabilizar pelo ato que cometeu.

seção 4.2.3.2. Neste caso, o enquadre de conflito parece possuir uma **metamensagem de hostilidade**. A **ambigüidade** no discurso de Pedro também dá lugar a outra interpretação. Não fica claro até que ponto o conflito entre os dois participantes é verdade ou encenação, é agressivo ou de brincadeira. Quer dizer, é possível que Pedro e Carolina tenham preferência por este tipo de interação porque, seguindo Schifffrin (1984), ao estarem engajados em discussões, eles estão construindo uma relação. Neste caso, o enquadre de conflito parece possuir uma **metamensagem de rapport**.

#### 4.2.3.4

##### O dilema de Pedro

Entre os turnos (226-228) vemos diferentes interesses em jogo: Carolina está interessada na aula, Pedro está interessado na diversão depois da aula. Carolina pede nas entrelinhas de seu discurso que Pedro abra mão da aula ou da diversão. Mas Pedro não consegue resolver seu dilema. Ele não se sente confiante o suficiente para ir embora sem o professor ter oficialmente dispensado a turma.

Cerca de oito minutos antes da instalação deste enquadre de conflito, Pedro havia pedido ao professor para que terminasse a aula mais cedo porque era 6a feira. Vejamos o segmento a seguir:

|  |
|--|
| 152 Pedro:     você poderia liberar mais cedo hoje- hoje é 6a feira. |
| 153 Professor: não hoje (não vai dar ).                              |

A resposta do professor (linha 153) indica que este pedido faz referência a uma prática que costuma ser adotada na turma; ou seja, terminar a aula às 6as feiras antes do tempo estipulado faz parte das *regras básicas* (Edwards & Mercer, 1987) que caracterizam a cultura deste grupo. Por isto, Pedro se sente tão a vontade de fazer esta proposta, embora ele utilize um modalizador para não parecer invasivo e sinalizar que reconhece o professor como autoridade naquele contexto. Como o professor se alinha como *representante institucional* (Erickson & Shultz, 1982), se atendo às regras da universidade e frustrando a solicitação de Pedro, entendemos que existe uma possibilidade deste permanecer dividido na aula.

Seu dilema vem à tona após oito minutos aproximadamente, quando ele começa a reclamar em tom de voz alto o suficiente para que os colegas o ouçam, porém, em tom baixo o suficiente para que o professor não perceba:

[Turma está copiando a matéria do quadro em silêncio.]  
 221 Pedro: / ( ) /.  
 [reclamando]

Ele procura atrair a atenção dos colegas para que se solidarizem com seu problema, mas é em vão pois ninguém o ratifica. As primeiras a reagirem são Irene e Carolina que se mostram dispostas a defender o direito de assistir aula sem as interferências de Pedro.

#### 4.2.3.5 A tréplica de Carolina

Carolina, além de defender seus interesses, sinaliza que não se intimida com as críticas de Pedro. Vejamos a seguir a sua tréplica:

229 Carolina: [mas você pode a qualquer hora filhinho. se eu sou velha eu vou  
 230 pra casa dormir, você deve estar desesperado ( )].  
 [virando o torso para falar com ele]  
 231 Pedro: [i:]

Desta vez Carolina se dirige **diretamente** a Pedro. Ela não segue o mesmo padrão conversacional visto nos turnos anteriores em que usa o professor como seu ouvinte primário para falar de Pedro **na presença** de Pedro. A mudança de alinhamento de Carolina é significativa pois mostra que ela não se sente acuada por Pedro; conseqüentemente ela consegue se defender e investir na briga sozinha. No caso de Pedro, ele precisa se respaldar no professor para amenizar a sua agressividade com relação a Carolina. Por isso vemos que ele se defende do ataque de Carolina, se dirigindo ao professor:

{Pedro →Professor}  
 227 Pedro: [é porque ela é velha e vai pra casa dormir e eu sou novo e vou  
 228 pra night.  
 229 Carolina: [mas você pode a qualquer hora filhinho. se eu sou velha eu vou  
 230 pra casa dormir, você deve estar desesperado ( )].  
 [virando o torso para falar com ele]

231 Pedro: [i::  
[Turma continua copiando do quadro em silêncio]

Depois da resposta agressiva de Carolina, Pedro somente consegue reagir com a interjeição “i::” (linha 231), que parece sinalizar uma dificuldade de argumentar **diretamente** com a colega.

Outro ponto interessante é que em vez de Carolina brigar com Pedro porque este a posiciona como “a velha”, ela assume este posicionamento dando uma resposta repleta de humor irônico que automaticamente posiciona Pedro como seu filho (linha 229). Além disso, ela aponta para um desconforto vivido por Pedro: não conseguir permanecer na aula sem estar desesperado para ir embora. Transforma a vantagem de ser novo e querer “ir pra night” em algo negativo e desconfortável.

#### 4.2.4

#### O ressurgimento da hostilidade

No próximo segmento o tema da insatisfação com relação à aula ressurgue com toda intensidade dando lugar a outro enquadre de conflito entre Pedro e Carolina. Pedro tinha ido embora da aula, mas reapareceu depois de seis minutos. Passados sete minutos e vinte segundos, Pedro começa a reclamar em tom baixo e novamente Carolina se envolve em uma discussão com ele.

#### Enquadre de conflito durante a execução de um exercício ■ 16

Duração do segmento: 1' 34”

|               |   |
|---------------|---|
| 297 Pedro:    | /( )/<br>[reclamando]   |
| 298 Carolina: | /( )/.  |
| 299 Pedro:    | [pô mas eu tô falando alguma coisa com ele? não tô, então ( ) |
| 300           | cara?   |
| 301 Carolina: | [depois eu que sou a velha.                                   |
| 302 Pedro:    | [não enche o saco, garota.                                    |
| 303 Turma     | sh::  |
| 304 Carolina: | ( ).  |
| 305 Pedro:    | [sai pra lá. pô, tá me <u>irritando</u> isso.                 |
| 306 Carolina: | [i::  |
| 307 Irene:    | [ i::<br>{Pedro→ outros colegas}                              |
| 308 Pedro:    | [que é isso o que também?                                     |

|                |  |
|----------------|--|
| 309 Henry:     | qual é compadre?   |
| 310 Carolina:  | //isso é falta de namorada.//<br>[fala olhando para frente, não olha para Pedro quando fala] |
| 311 Professor: | [o teu problema Pedro, que você fica irritado é que o Vasco perdeu.<br>[sorrindo]            |
| 312 Pedro:     | o baixinho (      ).<br>[rindo]  |

A reclamação de Pedro na linha (297) incomoda tanto Carolina que a melhor forma que ela encontra para irritar Pedro é recuperar o tópico do enquadre anterior: “a desvantagem de ser velha” (linha 301). Sua asserção irônica atinge Pedro de maneira certa: este reage com agressividade (linha 302) frente ao alinhamento crítico da colega, criando assim um enquadre de conflito entre eles.

#### 4.2.4.1 O alinhamento crítico de Carolina

Sob o ponto de vista de Pedro, Carolina está alinhada com os interesses do professor em detrimento dos interesses de Pedro. Ela trai a sua confiança, já que o professor não tinha ouvido a reclamação de Pedro. Vejamos como Pedro acaba se denunciando:

|               |  |
|---------------|--|
| 298 Carolina: | (      ).  |
| 299 Pedro:    | [pô mas eu tô falando alguma coisa com ele? não tô, então (      ) |
| 300           | cara?  |
| 301 Carolina: | [depois eu que sou a velha.  |
| 302 Pedro:    | [não enche o saco, garota.   |
| 303 Turma     | sh::   |
| 304 Carolina: | (      ).  |
| 305 Pedro:    | [sai pra lá. pô tá me <u>irritando</u> isso.                       |

Carolina provoca Pedro nas linhas (298; 304) que acaba se denunciando frente ao grupo (linhas 299-300). Depois da ameaça direta de Pedro à face de Carolina (linha 302), a turma resolve se manifestar e entrar como participantes ativos no enquadre de conflito. A turma se envolve porque também está se sentindo invadida pela reclamação de Pedro. Carolina insiste com seu alinhamento crítico (linha 304), que provoca ainda mais a ira de Pedro (linha 305).

Nas linhas (306-307) tanto Carolina quanto Irene ridicularizam Pedro por ele estar expressando abertamente a sua irritação, como é visto na linha (308):

306 Carolina: [i::  
 307 Irene: [i::  
                   {Pedro→ outros colegas}  
 308 Pedro: [que é isso o que também?

Pedro já perdeu totalmente o controle da situação ao se dirigir aos colegas que haviam reclamado em coro turnos antes, mas que agora se alinhavam apenas como ouvintes secundários daquela interação.

#### 4.2.4.2

##### O alinhamento de camaradagem de Henry

Pedro parece estar perdido e confuso e quem o traz de volta para a realidade é seu amigo Henry (linha 309). Henry percebe que Pedro está se expondo e que o professor não quer impor limites na interação. Como a irritação está tomando conta de Pedro, Henry interfere para ajudá-lo a questionar seu alinhamento. A pergunta de Henry funciona para lembrá-lo que ele não está sozinho na sala de aula e que por isso precisa respeitar os interesses das outras pessoas. O uso do substantivo “compadre” se aplica tanto à amizade entre eles, quanto à uma relação familiar, já que Henry namora a irmã do Pedro. Por isso, a pergunta do Henry com força ilocucionária de reclamação não é lida por Pedro como acusatória ou agressiva, já que existe um alinhamento de camaradagem que permeia a relação.

#### 4.2.4.3

##### O sarcasmo de Carolina

Na linha (310) Carolina faz uma observação de forma discreta para que ninguém a ouça<sup>37</sup>:

310 Carolina: //isso é falta de namorada.//  
                   [fala olhando para frente, não olha para Pedro quando fala]

<sup>37</sup> Eu estou sentada numa carteira na segunda fileira do lado direito da sala para captar a imagem do professor e a dos alunos. Neste momento, eu estou numa posição meio de frente para Carolina, e por isso posso fazer uma leitura labial e ouvir levemente o que ela disse. Vejo que ninguém mais ouviu o que ela disse. Como Pedro está sentado atrás dela e o professor encontra-se sentado na mesa numa distância considerável, eles não podem identificar as palavras da aluna.

Carolina usa o pronome demonstrativo “isso” para se referir ao alinhamento de irritação de Pedro que começou no momento em que ela tomou o turno na linha (298). Resumir toda a atuação do Pedro como um problema de “falta de namorada”, significa dizer que ele está frustrado por não ter uma relação amorosa e que esta explosão seria um deslocamento de sua frustração. O recurso prosódico e paralingüístico de fala em voz baixa e a orientação do olhar direcionado para frente evitando encarar o colega, indicam que Carolina não deseja que seu comentário seja ouvido. Se ela não usasse estes recursos lingüísticos, a imposição ou dano à face de Pedro ficaria evidente. Então, apesar de se tratar de uma elocução **sarcástica**, aquela que não busca construir nenhum tipo de *rapport* e cuja avaliação pode ser percebida como hostil (Clift, 1999), nota-se que há uma preocupação em não ofender Pedro, e um cuidado com sua própria face positiva, pois não quer aparecer em público como uma pessoa agressiva.

Como Henry entrou na interação para ajudar Carolina e indiretamente seu colega Pedro, (como focalizado acima), Carolina não precisa mais expor a sua face para defender seu direito de assistir aula sem ser perturbada. Agora ela tem duas pessoas que estão alinhadas com ela num alinhamento cooperador: Henry e o professor.

#### 4.2.4.4

##### A expressão de solidariedade do professor

Na linha (311) o professor tenta contornar a situação de conflito se alinhando com Pedro num alinhamento solidário. O professor, diferentemente de Carolina que atribuiu a irritação do colega a uma frustração na área do amor, considera esta irritação produto de uma frustração pelo desempenho de seu time de futebol. Vejamos:

311 Professor: [o teu problema Pedro, que você fica irritado é que o Vasco perdeu.  
[sorrindo]  
312 Pedro: o baixinho ( ).  
[rindo]

Ao contrário da ironia na elocução de Carolina, cuja metagemagem é criar distância do colega, esta asserção tem como objetivo criar *rapport* com

Pedro ou criar um alinhamento/*contexto de amizade*<sup>38</sup> (Bastos, 2003). Demonstra assim que entende a frustração das pessoas quando o time preferido delas perde um jogo. Ele compartilha com Pedro dessa experiência de torcedor de futebol e também mostra que conhece as preferências de seu aluno referentes ao time de futebol.

Ao trazer à tona o assunto do futebol, o professor passa para um tópico estritamente pessoal que não tem relação alguma com a matéria, porque para poder dar prosseguimento à matéria ele precisa primeiro tratar das *pressões sociais* em sala de aula (Allwright, 1996). O professor **usa o tópico do futebol**, que é reconhecido pelos participantes daquele contexto como um assunto permeado de fortes emoções, como um **pretexto para justificar a irritação de Pedro**. Usa este tópico também para mostrar que não está zangado pelo aluno querer que a aula termine mais cedo. Desta forma, através de seu comentário humorístico (linha 311), ele expressa que se importa com a face de Pedro, pois seu discurso contém uma metamensagem de *camaradagem*. Na linha (312), Pedro ratifica o professor, concordando em entrar no *grupo da amizade*, o grupo dos amantes do futebol. Depois deste trabalho de face, o professor e a turma conseguem voltar ao enquadre orientado para a tarefa acadêmica.

O professor conseguiu resolver o conflito entre as *pressões sociais* e *pedagógicas* ao entrar como participante ratificado no enquadre de conflito criado por Carolina e Pedro.

#### 4.2.5 Fechamento

Na primeira parte deste capítulo foram examinados três enquadres de conflito e um enquadre orientado para a tarefa acadêmica. Foram detectados diversos alinhamentos adotados por Pedro e Carolina para lidar com os momentos delicados e complexos da aula. A rapidez e sutileza com que estes alinhamentos ocorrem apontam para a dificuldade enfrentada pelos próprios participantes de identificar em que enquadre metacomunicativo estão operando.

---

<sup>38</sup> Ver o trabalho de Bastos (2003) que trata da construção da identidade de uma atendente em interações entre atendentes e clientes em um serviço de seguro-saúde e de como esta atendente, na posição de novata, constrói uma imagem positiva dela mesma, construindo um *contexto de amizade* com os clientes. Para tanto, introduz tópicos relacionados com experiências em comum como o fato de residir longe do trabalho, transporte precário, entre outros. Este contexto de amizade faz parte da fala social que se contrasta com a fala profissional.

Na segunda parte deste capítulo nos deteremos nos dados colhidos nas entrevistas a fim de complementar a análise acerca da multiplicidade de alinhamentos que caracterizam as relações entre Pedro e Carolina.

### **4.3**

#### **Análise das entrevistas**

As entrevistas serão usadas para iluminar a nossa compreensão acerca dos enquadres de conflito que operam na sala de aula analisada. Serão abordadas as discussões e brigas entre Pedro e Carolina em sala de aula e, e até que ponto estes enquadres de conflito decorrem de diferentes expectativas do que seja assistir aula, e/ou de uma relação pessoal construída fora do contexto de sala de aula.

A entrevista com o professor também será útil para compreendermos melhor as relações entre Pedro e Carolina, na medida em que ele nos propicia dois tipos de olhares: um de fora e um de dentro do grupo. O olhar de fora da relação nos ajuda a ver criticamente e com certo distanciamento o que está acontecendo ou em que enquadre metacomunicativo os participantes estão operando. O olhar de dentro, como participante inserido no grupo, também é uma fonte valiosa pois ao fazer seu relato, o professor pode nos ajudar a entender os alunos através da forma como estes o posicionam em sala de aula.

Na análise a seguir, a numeração dos momentos não corresponde necessariamente à seqüência temporal dos mesmos. Saliento também que as transcrições dos segmentos das entrevistas (Capítulos 5 e 6 também) não contemplaram rigorosamente o tempo das pausas na fala.

#### **4.3.1**

##### **A briga decorrente de distintas expectativas relativas a assistir aula**

Os relatos de Carolina e Pedro nos remetem a leituras e vivências divergentes quanto ao significado do que é estar em sala de aula ou ser aluno de universidade. Veremos como estas distintas expectativas vêm à tona através das brigas/discussões em sala de aula.

##### **4.3.1.1**

###### **Os relatos de Carolina**

No discurso de Carolina as brigas têm a função de aconselhamento com o objetivo de ajudar o colega. Segundo Carolina, Pedro faz outra leitura deste ato:

ele entende que ela o está criticando, ou seja, atribui outra metagemem à sua fala. Vejamos um momento do início da primeira entrevista realizada com os alunos. Carolina é a primeira a chegar e começamos a entrevista.

### 1ª entrevista - momento 1

|   |           |   |
|---|-----------|---|
| 1 | Mônica:   | que período é? quarto?  |
| 2 | Carolina: | era quarto período. e com o Pedro eu brigo o tempo todo. ele já |
| 3 |           | assumi que eu brigo com ele o tempo todo mas na verdade não é   |
| 4 |           | isso. acha que estou brigando mas não é briga. eles tiveram uma |
| 5 |           | chance que talvez a gente não tenha tido que é fazer uma        |
| 6 |           | faculdade com uma pessoa mais velha. então algumas dicas que eu |
| 7 |           | achei que podia dar. e eu ficava muito frustrada dele não       |
| 8 |           | aproveitar isso, de ele achar que eu estava o tempo todo        |
| 9 |           | criticando.   |

Na linha (2) Carolina caracteriza a relação entre eles como uma “briga” constante que não deve ser lida como uma verdadeira briga (linha 4) como Pedro faz. Carolina, por ser a mais velha, se coloca como quem tem uma experiência que poderia ser passada e aproveitada pelo colega (linhas 5-7). Então posiciona Pedro como alguém que pode aprender com ela, basta ele querer. Portanto, assumindo uma postura crítica acerca do posicionamento de Pedro, ela mostra que existe uma relação assimétrica em termos de quem tem mais vivência em sala de aula de universidade. Então os enquadres de conflito parecem ser difusos em termos do que realmente está sendo comunicado na interação em sala de aula.

Diferentes leituras sobre as intenções do outro podem levar a mal entendidos. Segundo Carolina, Pedro não a entende (linhas 8-9), ou seja, a intenção dela é de ajudar, aconselhar e a leitura dele é “isto é uma crítica”. Por isso, o fato de não operarem no mesmo enquadre metacomunicativo provoca impasses na relação e contribui para que se instalem enquadres de conflito em sala de aula.

De acordo com Carolina, Pedro não entende que a colega está “brigando” para ajudar e não para prejudicá-lo. Contudo, a própria Carolina não se dá conta do paradoxo que ela está criando: quanto mais ela quer ajudar seu colega, mais o está desrespeitando. A ajuda acaba sendo invasiva. Carolina não aceita que Pedro deixe de aproveitar o que ela tem a lhe ensinar como pessoa mais velha e mais experiente. Na minha interpretação, Carolina quer transmitir suas experiências a Pedro para que ele possa incorporá-las e assim mudar. Mas esta mudança seria

artificial porque Pedro não pode mudar sem ter vivido as suas próprias experiências para depois refletir e escolher o que ele acha mais adequado para ele. Concluindo, a expectativa de Carolina é que Pedro mude através do método da **imitação**. Claro que Pedro não consegue preencher esta expectativa; conseqüentemente, deparam-se com conflitos em sala de aula.

Agora vejamos outro momento em que Carolina explica porque a aula significava tanto para ela:

### 1ª entrevista - momento 2

|    |           |  |
|----|-----------|--|
| 1  | Carolina: | ele queria que a aula acabasse logo.<br>[se refere a Pedro]                    |
| 2  | Mônica:   | queria que terminasse, mas não quis ir embora.                                 |
| 3  | Carolina: | é que- por isso que eu digo que a visão é diferente. o meu objetivo            |
| 4  |           | aqui, quer dizer não tenho tempo a perder, então não é aquela                  |
| 5  |           | coisa de “a tá fazendo e não tá bem e vai lá e tranca, então não               |
| 6  |           | entendeu mas não tem problema tenho durante a semana para ficar                |
| 7  |           | estudando com amigo”. eu acho que as pessoas que trabalham,                    |
| 8  |           | pessoal mais velho precisam muito da aula. é como eu estudo, né?               |
| 9  |           | (...) eu preciso da aula, da interação com o professor. (...) eu tenho         |
| 10 |           | um professor de religião que eu sinto que ele é das antigas, ele               |
| 11 |           | fala, fala, fala e os alunos têm que ficar quietos. é horrível pra             |
| 12 |           | mim, é horrível.   |
| 13 | Mônica:   | é, você gosta daquela aula onde pode tirar a dúvida naquela hora e             |
| 14 |           | até ajudar o professor, como eu vi aqui.<br>[apontando para a aula transcrita] |
| 15 | Carolina: | é e aí às vezes o professor está tentando dizer alguma coisa de um             |
| 16 |           | jeito, mas na cabeça da gente entrou de outra maneira, ou a gente              |
| 17 |           | faz uma analogia ou com outra matéria, às vezes um exemplo                     |
| 18 |           | bobo que venha na cabeça da gente. então eu normalmente sou                    |
| 19 |           | assim em todas as matérias. o problema do Pedro é que eu acho                  |
| 20 |           | ele o mais novo de todos, sei lá, e ele não aproveita isso, e não              |
| 21 |           | aproveita isso.<br>[fala com pena disso]                                       |

Segundo Carolina, ela e Pedro têm visões distintas sobre o significado da aula. A postura de Pedro e dos colegas que não trabalham ou que têm tempo de sobra como é dito a seguir:

|    |           |  |
|----|-----------|--|
| 15 | Carolina: | “a tá fazendo e não tá bem e vai lá e tranca, então não entendeu |
| 16 |           | mas não tem problema tenho durante a semana para ficar           |
| 17 |           | estudando com amigo”.  |

E a visão de quem trabalha e precisa da aula presencial como uma forma de estudo:

17 Carolina: eu acho que as pessoas que trabalham, pessoal mais velho  
 18 precisam muito da aula. é como eu estudo, né? (...) eu preciso da  
 19 aula, da interação com o professor. (...)

Para Carolina o professor que permite que haja troca de idéias, que instaura uma *pedagogia dialógica* em sala de aula é aquele que ajuda o aluno a aprender (Freire & Shor [1987], 2000). Carolina se sente bem neste tipo de estrutura de participação, em que os alunos têm o direito de assumir posições de falantes primários durante interações em sala de aula. Vejamos como o saber de Carolina é legitimado pelo professor:

### Enquadre orientado para tarefa da explicação

Duração do segmento: 2'

|                |   |
|----------------|---|
| 198 Carolina:  | [só usa uma regra para reduzir  |
| 199            | uma única vez, ou é coincidência?   |
| 200 Professor: | não, a gente vai ver o funcionamento agora.   |
| 201 Carolina:  | ( ) ?   |
| 202 Professor: | deixa eu pensar.<br>[olhando para matéria no quadro, segurando o giz ]                    |
| 203 Pedro      | caraca.<br>[tom de surpresa; sorrindo]  |
| 204 Carolina:  | ( 11'') a:: faz sentido se você usar uma regra para reduzir dois casos                    |
| 205            | diferentes tava ambíguo, né?  |
| 206 Professor: | é justamente o que estou pensando ( ).<br>[olhando para a matéria no quadro durante 10''] |
| 207 Carolina:  | e se eu tinha uma regra sobrando.   |
| 208 Professor: | [mas eu não tenho tanta certeza assim não.  |
| 209            | acho que no caso geral você pode ter, pode haver redução em dois estados                  |
| 210            | diferentes.=  |
| 211 Carolina:  | =se eu mantiver uma regra-  |
| 212 Professor: | mas pode aparecer em mais de um estado.   |

A partir desta troca discursiva entre Carolina e o professor, percebemos que este se mostra disposto a pensar **junto com** a aluna para chegar à solução do problema. Notamos também que Pedro expressa na linha (203) sua admiração pelo saber da colega, assistindo a interação entre o professor e Carolina como ouvinte secundário.

Permitindo que os alunos mostrem o que sabem (e o que não sabem), o professor está implementando uma *cultura de investigação* em sala de aula (Klein, 2000). Este compartilhamento de poder pode também ser conferido numa interação entre o professor e os alunos na primeira aula gravada para esta

pesquisa. É um momento em que o professor usa a contribuição de outro aluno para relembrar à turma o que foi dado na aula anterior<sup>39</sup>. Estes dois exemplos mostram que o poder em sala de aula está operando para incentivar o grau de engajamento pessoal do aluno na aula.

Acompanhemos a seguir, a continuação do relato de Carolina em que ela passa a descrever outro tipo de estrutura de participação em sala de aula:

10 Carolina: eu tenho um professor de religião que eu sinto que ele é das  
11 antigas, ele fala, fala, fala e os alunos têm que ficar quietos. é  
12 horrível pra mim, é horrível.

A prática monológica implementada pelo professor de religião é vivenciada por Carolina como invasiva e agressiva porque não lhe é permitido ser uma participante ativa em aula. Esta estrutura de participação “das antigas” é rejeitada por Carolina, e em contrapartida acrescentando mais informação depois do meu comentário (linhas 13-14), ela descreve como ela vê o processo de construção de conhecimento:

13 Mônica: é, você gosta daquela aula onde pode tirar a dúvida naquela hora e  
14 até ajudar o professor, como eu vi aqui..  
[apontando para a aula transcrita]  
15 Carolina: é e aí às vezes o professor está tentando dizer alguma coisa de um  
16 jeito, mas na cabeça da gente entrou de outra maneira, ou a gente  
17 faz uma analogia ou com outra matéria, às vezes um exemplo  
18 bobo que venha na cabeça da gente. então eu normalmente sou  
19 assim em todas as matérias.

Segundo Carolina uma aula favorável é um lugar onde o aluno está livre para participar à sua maneira, ativamente ou em silêncio, fazendo conexões e associações com outras experiências para ajudá-lo na compreensão da matéria. De acordo com Bruner (1996:30), “a sala de aula é uma sub-comunidade de aprendizes mútuos, com o professor organizando os procedimentos”. O professor não exerce seu papel de forma monopolizada permitindo que os indivíduos que

<sup>39</sup> 1ª aula gravada

29 Prof.: então ( ) lembra que depois um aluno lá, esqueci o nome dele, deu uma  
30 solução melhor.  
31 Carolina: [o Marcelo  
32 Prof.: e a gente gostou. a gente vai ver justamente a técnica de como obter uma  
33 solução menor.

estão aprendendo, construam andaimes uns para os outros. Parece que Carolina se identifica com este tipo de modelo de aprendizagem.

No final deste segmento Carolina expressa seu sentimento de pena em ver que Pedro não aproveita a aula e as coisas boas que esta tem a lhe oferecer:

|    |  |
|----|--|
| 19 | (.. ..... ) o problema do Pedro é que eu acho ele o mais         |
| 20 | novo de todos, sei lá, e ele não aproveita isso, e não aproveita |
| 21 | isso.  |
|    | [fala com pena disso]  |

Carolina se sente frustrada porque não consegue fazer com que o colega sinta como ela a importância da interação com o professor. Ela gostaria que ele tivesse a mesma visão do significado da aula que ela e que compartilhasse com ela de sua expectativa de uma aula produtiva e construtiva.

#### 4.3.1.2

##### Os relatos de Pedro

Pedro nos conta sobre sua expectativa quanto aluno de faculdade. Vejamos um segmento da terceira entrevista realizada com Pedro e Henry<sup>40</sup>. Neste segmento o tema central é a escolha da carreira e a desmotivação pelo curso.

#### 3ª entrevista – momento 1

|    |         |  |
|----|---------|--|
| 1  | Mônica: | o que é que motiva vocês numa aula?                                |
| 2  | Pedro:  | não sou muito fã de Informática não. pô, eu fazia faculdade de     |
| 3  |         | Geografia , aí eu resolvi parar. falei pra minha mãe: “vou parar a |
| 4  |         | faculdade”. aí minha mãe falou: “beleza, ou você trabalha ou       |
| 5  |         | estuda, filho vagabundo eu não quero. você tem que fazer alguma    |
| 6  |         | coisa que vai te sustentar mais tarde”. aí eu escolhi Informática. |
| 7  |         | claro que eu gosto de tudo o que eu faço, mas eu não consigo sair  |
| 8  |         | de uma aula, “o:: essa aula, autômato finito, isso vai me ajudar a |
| 9  |         | fazer não sei o que, o::”.   |
| 10 | Henry:  | bem, eu sou um músico que não consegue ser músico. também          |
| 11 |         | escolhi Informática porque era o que tinha e pode dar dinheiro.    |

O descontentamento e o sentimento de estar perdido transparece no discurso de Pedro:

<sup>40</sup> Como descrito no Capítulo 3, esta entrevista tinha sido originalmente marcada com Pedro, Carolina e Henry mas Carolina chegou uma hora atrasada (cinco minutos depois que os rapazes foram embora). Por isso, a terceira entrevista foi somente com Pedro e Henry e a quarta entrevista somente com Carolina. Estes desencontros pareciam apontar para uma dificuldade deles estarem face a face e terem que ouvir um do outro coisas que mobilizariam seus sentimentos. Considerei estes desencontros uma forma de proteger a própria face e a face do outro.

1 Mônica: o que é que motiva vocês numa aula?  
 2 Pedro: não sou muito fã de Informática não. pô, eu fazia faculdade de  
 3 Geografia, aí eu resolvi parar; falei pra minha mãe: “vou parar a  
 4 faculdade”. aí minha mãe falou: “beleza, ou você trabalha ou  
 5 estuda, filho vagabundo eu não quero. você tem que fazer alguma  
 6 coisa que vai te sustentar mais tarde”. aí eu escolhi Informática.

Respondendo a minha pergunta (linha 1), Pedro revela sua desmotivação perante o curso escolhido (linha 2). Continua a relatar sobre seu percurso até optar pelo curso de Informática. Entre as linhas (4–6) Pedro fala do papel da sua mãe nas suas escolhas acadêmicas. Pedro não explica com mais detalhes por que escolheu o curso de Informática porém consta em minhas notas de campo que a mãe de Pedro era professora de Informática desta mesma universidade, então parece que este fato o motivou na escolha da carreira. Nas linhas (7-9) Pedro se posiciona de forma diferente:

7 Pedro: claro que eu gosto de tudo o que eu faço mas eu não consigo sair  
 8 de uma aula : o:: essa aula, autômato finito, isso vai me ajudar a  
 9 fazer não sei o que, o::.

Quer dizer, Pedro sinaliza que vive um conflito com relação à aula: **gosta de tudo do que faz, mas não consegue entender a aplicabilidade do que está aprendendo**. Esta queixa de Pedro, este sentimento desagradável de não saber para que serve o “autômato finito”, parece retratar um Pedro imediatista, que quer ver resultados em um curto espaço de tempo. O fato de não saber aonde as coisas vão dar pode causar ansiedade e desconforto porque o aluno não consegue dar um sentido ao que está fazendo.

O relato de Carolina na segunda entrevista, condiz com o depoimento de Pedro sobre seu alinhamento em sala de aula. Vejamos a seguir:

## 2<sup>a</sup> entrevista

1 Mônica: tem conflitos entre a turma e o professor?  
 2 Carolina: tem. eu sinto nessa turma e nas outras turmas eles têm uma atitude  
 3 como se o professor estivesse contra eles; várias vezes os mesmos  
 4 alunos fizeram perguntas para outros professores “pra que serve  
 5 esta matéria”? “aonde é que você quer chegar?” “não tô  
 6 entendendo”. algumas matérias o objetivo deles... em  
 7 programação e algumas matérias que não tem nada a ver com isso  
 8 e que ficam perdidos, eles tem uma atitude muito negativa.

De acordo com Carolina, Pedro e seus colegas não conseguem entender o objetivo do que está no programa. É importante aqui mencionar que Carolina acrescentou mais adiante na entrevista, que seus colegas eram “micreiros”, detestavam aprender teoria, não gostavam das matérias que envolviam subjetividade, nem tinham paciência para fazer trabalhos escritos. O que eles gostavam era de programar, ou seja, da parte técnica. Já nas matérias de cálculo passavam tranqüilos.

Me remeto ao trabalho de Oliveira (2001)<sup>41</sup>, que questiona até que ponto os professores sabem dos saberes dos alunos, e até que ponto os professores se importam com o que os alunos querem saber. Pedro e seus colegas valorizam um saber prático, e parecem vivenciar as aulas mais “teóricas” como se o professor não os entendesse, ou não entendesse suas necessidades.

E na primeira entrevista vejamos como Pedro se posiciona com relação ao professor:

### 1ª entrevista – momento 3

|   |           |  |
|---|-----------|--|
| 1 | Carolina: | só que o professor é o professor e o aluno tem juízo.                    |
| 2 | Pedro:    | não, não é isso não. pra mudar, pra mudar a gente tem que                |
| 3 |           | conhecer. ele falou que pra isso eram necessários vários cursos.         |
| 4 |           | pô, ele é o professor, a gente tem que acreditar nisso, entendeu?        |
| 5 | Mônica:   | tudo bem.  |
| 6 | Pedro:    | então não vai adiantar a gente brigar com <u>ele</u> porque a matéria tá |
| 7 |           | sendo decoreba- ele tá fazendo o que ele pode. a gente tem que           |
| 8 |           | brigar com o departamento, ou com o pessoal que pode fazer isso.         |
| 9 |           | ele não tem culpa.   |

Nas linhas (3-4) Pedro posiciona o professor como uma pessoa na qual ele acredita. E nas linhas (6-9) Pedro defende o professor perante seus colegas que estão reclamando do programa e/ou da forma como está sendo dada a disciplina. Assim ele isenta o professor de toda responsabilidade quanto ao fracasso ou descontentamento dele e dos seus colegas pelo curso.

A partir do relato de Pedro notamos que ele se sente desmotivado mas que não culpa o professor. Ao compreender as atitudes do professor quanto à metodologia adotada em sala de aula, Pedro demonstra que consegue se colocar no lugar do professor e assim entendê-lo. O fato de Pedro ter uma mãe professora

<sup>41</sup> Este trabalho trata do desafio do ensino de inglês na universidade. A autora discute o que deve ser ensinado em cursos universitários que formam profissionais de língua inglesa e de como preparar o futuro professor de inglês nas Licenciaturas.

do mesmo curso, faz com que ele possa ter um contato maior com as dificuldades com que os professores se deparam em suas práticas acadêmicas.

### 4.3.1.3 Os relatos do professor

O fato de Pedro estar desmotivado com a matéria por não conseguir ver o seu sentido é uma interpretação plausível. Mas é preciso considerar também o relato do professor acerca de sua expectativa referente ao *autômato finito* e até que ponto seu posicionamento estaria afetando Pedro. Apresentamos a seguir um momento a entrevista com o professor:

#### Entrevista com o professor

|    |            |  |
|----|------------|--|
| 1  | Professor: | (...) e finalmente eu não espero que eles saiam dali sabendo aquilo    |
| 2  |            | durante muito tempo porque todo mundo vai esquecer daquilo             |
| 3  |            | daqui a três meses.  |
| 4  | Mônica:    | por que?   |
| 5  | Professor: | porque é assim eu não sei explicar porque. quando eu fiz               |
| 6  |            | graduação era assim também.  |
| 7  | Mônica:    | o raciocínio lógico você pode esquecer mas depois você lembra          |
| 8  |            | naturalmente, como a gente lembra trigonometria, né?                   |
| 9  | Professor: | é você tem razão, na parte de raciocínio eles não esquecem, agora      |
| 10 |            | o problema é que eles nunca mais vão usar <i>autômato finito</i> a não |
| 11 |            | ser que eles venham trabalhar com gerador de léxicos no futuro.        |
| 12 | Mônica:    | na prática.=   |
| 13 | Professor: | =exatamente, na prática. ou que venham trabalhar com algumas           |
| 14 |            | ferramentas de programação do Unix tipo Grap. aí eles vão se           |
| 15 |            | lembrar “ah estudei isso”, né? se não, eles vão esquecer, mas o        |
| 16 |            | raciocínio fica, espero que o raciocínio fique e ainda mais que ali    |
| 17 |            | tem algumas coisas que são básicas para alguns estudos mais            |
| 18 |            | profundos de teoria que, eu acho que se um dia um deles vier a         |
| 19 |            | fazer um mestrado, essa cadeira vai ter sido fundamental. se não       |
| 20 |            | eles não vão nem conseguir assistir a primeira aula. é um curso de     |
| 21 |            | formação.  |

O próprio professor também se encontra dividido quanto à importância do *autômato finito*. Entre as linhas (1- 6) o professor se posiciona como quem não acredita que o que está no programa a ser ensinado vai ser aprendido. Ele se baseia em sua própria experiência ao afirmar que tudo o que ele ensinou terá sido em vão. Porém me pareceu que o professor estava sendo injusto com ele mesmo e por isso entre as linhas (7-8) vemos como eu faço para resgatar a contribuição que ele estava oferecendo aos alunos no sentido de ajudá-los a pensar, a raciocinar e a compreender a lógica dos exercícios.

Entre as linhas (9-21) o professor questiona a validade do que ele está ensinando. Ele conclui que o *autômato finito* terá sido dado em vão a não ser que eles o usem na prática profissional. Frente a outra questão, a do raciocínio, ele defende a idéia de que seu curso é um curso de formação. Então o professor acredita que está contribuindo para a formação profissional dos alunos, mas que esta contribuição só poderá ser vista de forma concreta a longo prazo. Parece que a visão mais pessimista do começo do segmento se contrapõe com a visão mais otimista do final do segmento. Pedro parece ter uma visão mais pessimista pois não consegue acreditar que no futuro saberá usar o que aprendeu.

#### **4.3.2**

##### **O ato de brigar decorrente de uma relação de fora da sala de aula**

Os relatos de Pedro e Carolina nas entrevistas nos falam de uma relação próxima, mas conturbada que vem sendo construída ao longo de dois anos no contexto universitário. O desabafo impetuoso de Carolina sobre sua relação com Pedro, e o relato mais reservado de Pedro quando se refere à colega, são narrativas que constituem um quebra-cabeça com uma lógica própria. Se entendermos a lógica destes participantes ou as *teias de significados* (Geertz, 1978) que eles teceram, estaremos mais perto de uma compreensão aprofundada do por quê surgem enquadres de conflitos em sala de aula. A descrição do professor sobre a relação entre Pedro e Carolina irá complementar a nossa reflexão acerca da existência dos enquadres de conflito em sala de aula.

#### **4.3.2.1**

##### **Os relatos de Carolina**

Nesta parte discutiremos os dois primeiros encontros entre Pedro e Carolina, o significado de uma brincadeira entre Henry, Pedro e Carolina, e a função da reclamação no discurso de Carolina. Em todos seus relatos, Carolina deixa transparecer sua indignação com relação ao posicionamento de Pedro fora da sala de aula.

#### **4.3.2.1.1**

##### **Sobre o primeiro e segundo encontro**

Carolina irá nos contar como conheceu Pedro e como aos poucos foram construindo uma relação. Na quarta entrevista ela nos dá suas impressões acerca

da postura de Pedro no dia em que se conheceram e como isto repercutiu nas interações entre eles em sala de aula.

#### 4ª entrevista – momento 1

|    |           |  |
|----|-----------|--|
| 1  | Carolina: | (...) então não sei se ele faz algumas coisas querendo ganhar um           |
| 2  |           | espaço, ganhar uma, sabe, não sei, uma coisa assim. até o                  |
| 3  |           | relacionamento dele comigo.  |
| 4  | Mônica:   | saber quem ele é?  |
| 5  | Carolina: | é, até o relacionamento dele comigo. ele me conheceu fazendo a             |
| 6  |           | matricula e eu tava lá ajudando e a gente ficou conversando,               |
| 7  |           | menina mais velha. de repente ele ficou num papinho. não sei se            |
| 8  |           | eu estava atrasada e a gente ficou batendo um papinho e daqui a            |
| 9  |           | pouco fui embora, eu estava esperando uma amiga minha. quando              |
| 10 |           | no período seguinte eu me matriculei eu fui ter aula com ele. eram         |
| 11 |           | quatro horas da tarde o pessoal de fora olhou e achou que eu era a         |
| 12 |           | professora, aí ele veio e falou: “conheço ela, ela não é professora,       |
| 13 |           | ela é aluna, é minha amiga, veio conversar comigo”. ele se sentiu          |
| 14 |           | responsável, era o pessoal <u>dele</u> e ele me empresta. esse tipo de     |
| 15 |           | coisa eu acho infantilidade, tanto que a história do meu namoro,           |
| 16 |           | durante muito tempo era óbvio que eu tava namorando, todo                  |
| 17 |           | mundo sabia, menos ele. quer dizer, a gente passou um semestre             |
| 18 |           | inteiro na faculdade e ele acha que não. era o <u>único</u> que não queria |
| 19 |           | ver que ele não era mais meu dono.   |
| 20 |           | engraçado.   |

#### O primeiro encontro

Percebemos que logo no primeiro encontro Carolina se posiciona como uma pessoa com um *status* diferente em relação a Pedro:

5 Carolina: (.....) ele me conheceu fazendo a  
6 matricula e eu tava lá ajudando (...).

Carolina se alinha como quem tem mais experiência e que por isso estava ajudando na matricula. Ela continua seu relato, atribuindo o interesse de Pedro ao fato dela ser mais velha:

6 Carolina: (.....) a gente ficou conversando,  
7 menina mais velha. de repente ele ficou num papinho. não sei se  
8 eu estava atrasada e a gente ficou batendo um papinho (...).

Relembremos que o posicionamento de “menina mais velha” neste caso não é derogatório como no segmento da aula quando Pedro e ela discutem sobre o término da aula:

{Pedro →Professor}

227 Pedro: [ é porque ela é velha e vai pra casa dormir e eu sou novo e vou  
228 pra night.

Aqui o uso do adjetivo "velha" tem um valor positivo, já que ela entende que Pedro se sente atraído por ela ter mais experiência. Vemos um Pedro lisonjeado por uma menina mais velha querer trocar idéias com ele.

### O segundo encontro

O segundo encontro ocorreu no corredor defrente à sala de aula onde Pedro e seus colegas aguardavam a chegada do professor. A cena a ser descrita envolve Pedro, no papel de falante primário, os colegas de Pedro posicionados como ouvintes primários, e Carolina, posicionada como ouvinte secundária. Abordaremos como Carolina se sentiu ao ser apresentada aos colegas novos e como o relato desta cena da 4ª entrevista sintetiza a relação conturbada na qual estão imersos:

9 Carolina: (.....) quando  
10 no período seguinte eu me matriculei eu fui ter aula com ele. eram  
11 4 horas da tarde o pessoal de fora olhou e achou que eu era a  
12 professora, ai ele veio e falou: “conheço ela, ela não é professora,  
13 ela é aluna, é minha amiga, veio conversar comigo”. ele se sentiu  
14 responsável, era o pessoal dele e ele me empresta. esse tipo de  
15 coisa eu acho infantilidade, tanto que a história do meu namoro,  
16 durante muito tempo era óbvio que eu tava namorando, todo  
17 mundo sabia, menos ele. quer dizer, a gente passou um semestre  
18 inteiro na faculdade e ele acha que não. era o único que não queria  
19 ver que ele não era mais meu dono.  
20 engraçado.

Observemos como Carolina introduz o contexto em que se passa a cena: ela faz menção ao **horário** do dia e ao **lugar** onde ocorre o encontro (linhas 11-12). Quatro horas da tarde é a hora estipulada para o começo de algumas aulas; o “pessoal de fora” são os alunos que estão aguardando no corredor a chegada do professor e Pedro fazia parte deste grupo. Quando Carolina chega, todos pensam que ela é a nova professora, mas Pedro se encarrega logo de desfazer o mal entendido:

11 Carolina: (.....) o pessoal de fora olhou e achou que eu era  
 12 a professora, ai ele veio e falou: “conheço ela, ela não é  
 13 professora, ela é aluna, é minha amiga, veio conversar comigo”.  
 14 ele se sentiu responsável, era o pessoal dele e ele me empresta.  
 15 esse tipo de coisa eu acho infantilidade (...).

Carolina se sente extremamente invadida por Pedro, porque este lhe impede de usar sua própria voz para dizer aos novos colegas quem ela realmente é: uma aluna como eles. Quando Pedro a apresenta aos amigos, ele a posiciona como a aluna que é **sua** amiga e que veio conversar com **ele**. Ou seja, Pedro se vangloria com o fato de Carolina ser sua conhecida antiga e mostra aos amigos que ele tem amigos mais velhos com mais experiência, que gostam dele.

A face negativa de Carolina é completamente invadida porque ela não pode comunicar quem ela é, da maneira que ela quer e no momento que ela deseja (linhas 12-13). Pedro faz questão de marcar seu território mostrando que ele conheceu Carolina primeiro e que seus amigos podem se relacionar com ela porque ele permite. Pedro quer ser o centro das atenções o tempo todo e é isto o que Carolina chama de “infantilidade” (linha 15). Este tipo de posicionamento é percebido também durante as interações em sala de aula quando Pedro disputa a atenção do professor e de Carolina com os outros colegas. Nos deteremos neste aspecto em mais detalhe quando formos analisar o relato do professor.

Carolina dá prosseguimento ao seu relato fazendo uma associação entre a atitude de Pedro com a “história de seu namoro”. Examinemos em detalhe o trecho a seguir:

14 Carolina: ele se sentiu responsável, era o pessoal dele e ele me empresta.  
 15 esse tipo de coisa eu acho infantilidade, tanto que a história do  
 16 meu namoro, durante muito tempo era óbvio que eu tava  
 17 namorando, todo mundo sabia, menos ele. quer dizer, a gente  
 18 passou um semestre inteiro na faculdade e ele acha que não. era o  
 19 único que não queria ver que ele não era mais meu dono.  
 20 engraçado.

Entre as linhas (15-20) Carolina explica melhor o que ela considera “infantilidade”. A infantilidade à qual Carolina se refere é a forma que Pedro encontra para lidar com seu ciúme. Primeiro posiciona Carolina como sua propriedade (linha 14), tentando controlar com quem Carolina vai se relacionar. Segundo, nega totalmente que a colega tem um namorado, evitando assim o

sentimento de ciúmes. Carolina deixa transparecer sua irritação por se sentir controlada. O uso do adjetivo “engraçado” no final de seu relato (linha 20) parece amenizar sua indignação a respeito do posicionamento do colega. Também faz pensar que Carolina, de alguma forma, tem prazer na sua convivência com Pedro. Existe o sentimento de se sentir lisonjeada por alguém gostar dela, mesmo que de forma infantilizada. Parece que existem duas *necessidades paradoxais* na fala da Carolina: o desejo de estar envolvida e a necessidade de estar independente (Tannen, 1984). Ela se sente bem estando conectada com Pedro pois se sente querida, mas ao mesmo tempo sente que Pedro é invasivo.

#### 4.3.2.1.2 Uma brincadeira em sala de aula

No próximo momento da entrevista Carolina nos transporta para sua relação com seu colega Henry. Ela descreve uma brincadeira entre ela e Henry e analisaremos até que ponto esta brincadeira servia para implicar com Pedro em sala de aula:

#### 4ª entrevista – momento 2

|    |           |   |
|----|-----------|---|
| 1  | Mônica:   | E o Henry?  |
| 2  | Carolina: | o Henry é um cara super caladão, super na dele. raras vezes vi ele              |
| 3  |           | criticar o professor. e teve uma brincadeira que ele era meu                    |
| 4  |           | mestre, eu trazia bala Juquinha. no próximo semestre fui arrumar                |
| 5  |           | outro mestre que era ele <sup>42</sup> mas aí eu não trazia mais bala Juquinha, |
| 6  |           | aí ficava aquela briga “a você não serve pra mestre, você não                   |
| 7  |           | manda nela”. aí o Henry voltou a ser meu mestre e voltei a trazer               |
| 8  |           | bala Juquinha só pra implicar. eles andam muito juntos por causa                |
| 9  |           | do namoro da irmã. em relação ao estudo são muito inteligentes,                 |
| 10 |           | aplicados e estudiosos, mas o Henry, ele ouve, se eu tô falando                 |
| 11 |           | alguma coisa ele pára pra pensar em vez de sair criticando. Pedro               |
| 12 |           | não, né? antes de eu começar a falar ele tá achando que não é, que              |
| 13 |           | eu tô errada. aí tem essas coisas do mestre que eu já faço de                   |
| 14 |           | propósito.  |
| 15 | Mônica:   | você já gosta de implicar com ele.  |
|    |           | [rindo]   |
| 16 | Carolina: | claro, não dá pra perder essa oportunidade.                                     |
|    |           | [rindo]   |
| 17 | Mônica:   | ai ele também entra.  |
| 18 | Carolina: | entra, entra direto.  |
|    |           | [rindo].  |

<sup>42</sup> O pronome *ele* se refere a Pedro.

Carolina descreve uma brincadeira que envolvia Henry, Pedro e ela (linhas 3-8). Nesta brincadeira entre Henry e Carolina, Carolina se submetia ao Henry, que fazia o papel de mestre e a quem ela devia agradar trazendo-lhe balas Juquinha. O “fazer de conta” de mandar e ser mandada era divertido porque a metamensagem era “isto é uma encenação que não passa de uma brincadeira”. Porém, quando no semestre seguinte ela escolheu Pedro para ser seu “mestre”, ela mudou as regras do jogo (linha 5), desmoralizando Pedro, e incitando Henry a provocar o colega (linhas 6-7). Na minha interpretação, Carolina não consegue brincar de ser mandada por Pedro por dois motivos: 1) na vida real é exatamente isso o que Pedro quer fazer e o que ela está o tempo todo procurando combater; e 2) na vida real ela também quer mandar em Pedro, já que gostaria de submetê-lo a um aprendizado por imitação. Como o plano do faz de conta se mistura com o plano da realidade, a brincadeira torna-se real. O limite entre brincadeira e realidade é tão tênue que fica impossível brincar.

Henry volta a ser seu mestre (linha 7) porque, com ele, ela não fica confusa em saber quem ela é. Ela acrescenta que volta a trazer as balas – retoma as regras da brincadeira – para implicar com Pedro (linha 8). Ou seja, esta brincadeira realizada com Henry, e **não** com Pedro, é uma forma de expressar seu desagrado e sua irritação com a tentativa do Pedro de querer controlá-la na vida real.

Esta brincadeira não teria graça e perderia todo seu sentido se Pedro não fizesse parte dela, ora como “mestre”, ora como espectador da encenação de Henry e Carolina. Vejamos a declaração de Carolina:

|    |           |  |
|----|-----------|--|
| 10 | Carolina: | (.....), mas o Henry ele ouve, se eu tô falando                    |
| 11 |           | alguma coisa, ele pára pra pensar em vez de sair criticando. Pedro |
| 12 |           | não, né? antes de eu começar a falar ele tá achando que não é, que |
| 13 |           | eu tô errada. aí tem essas coisas do mestre que eu já faço de      |
| 14 |           | propósito.   |
| 15 | Mônica:   | você já gosta de implicar com ele.                                 |
|    |           | [rindo]  |
| 16 | Carolina: | claro, não dá pra perder essa oportunidade.                        |
|    |           | [rindo]  |
| 17 | Mônica:   | ai ele também entra.   |
| 18 | Carolina: | entra, entra direto.   |
|    |           | [rindo].   |

Carolina quer implicar com um Pedro que não lhe permite expressar o que pensa por achar de antemão que ela está errada (linhas 12-13). Neste sentido a brincadeira funciona como uma afronta a Pedro. É claro que expressar a raiva através de uma brincadeira é muito mais conveniente porque a pessoa não precisa admitir que quer agredir o outro. É precisamente isto o que Carolina faz: usa a brincadeira como uma *estratégia de indiretividade* (Brown & Levinson 1978) para proteger a sua face e mitigar uma ameaça à face positiva de Pedro. Carolina provoca Pedro para lhe mostrar que ele não é seu “dono” (seção 4.3.2.1.1, quarta entrevista, linha 19) e tem sucesso em sua tentativa, pois Pedro “entra direto” (linha 18). Podemos entender o “entrar direto” como uma reação incontrolada frente às implicâncias da Carolina. Provavelmente Pedro fica irritado ao ver que não consegue ser ratificado no papel de “mestre” e que Henry passa a ser o preferido de Carolina. Carolina quer demonstrar a Pedro que ele não controla com quem ela escolhe se relacionar. Por isso podemos dizer que esta brincadeira, do ponto de vista de Carolina, é bem sucedida pois seu colega Pedro reage exatamente como ela queria: mostra-se susceptível às suas provocações e implicâncias.

Concluindo, podemos entender que esta brincadeira reflete a dinâmica da relação entre Pedro e Carolina. O discurso da Carolina nas entrevistas nos permite fazer uma nova leitura acerca do que acontece na sala de aula quando ela e Pedro estão interagindo. Então, a postura mais agressiva da Carolina que havíamos caracterizado como sendo um alinhamento de rivalidade na seção 4.2.1, pode agora ser entendida de outra forma. Relembremos aquele segmento da aula a seguir:

|               |  |
|---------------|--|
| 95 Marcos:    | =professor?<br>{Carolina→Professor}  |
| 96 Carolina:  | [ dá um tempinho aí.   |
| 97 Marcos:    | eihn professor ?   |
| 98 Professor: | ah?  |
| 99 Marcos:    | eu entendi o estado mas não entendi o (como aplica).   |
| 100 Prof:     | tá bom, como constrói?=<br>101 Paulo: =ali parou?=<br>102 Professor: =parou porque não tem mais estados para criar então vou explicar<br>103 rapidamente como se constrói isso.<br>104 Pedro: deixa a gente copiar, depois você explica.<br>105 Carolina: não, explica logo.<br>106 Pedro: [ aí ele explica e não dá pra copiar.<br>[irritado, olhando para Carolina ]<br>107 Professor: vou explicar, depois vão poder copiar. (...). |

Os relatos de Carolina na entrevista nos mostram que existem motivos que subjazem a sua postura de rivalidade. Ver que Pedro está se alinhando como ela em sala de aula (linha 104), inevitavelmente faz com que ela entre em contato com suas expectativas na aula. O seu relato na primeira entrevista sobre o problema relacionado com a atividade da cópia<sup>43</sup> contradiz a postura que Carolina assume na linha (96). Quer dizer, ela se posiciona da mesma maneira que Pedro e os colegas que ela critica na primeira entrevista. Por isso, Carolina muda em seguida de alinhamento (linha 105). Em primeiro lugar, perceber que ela está por um pequeno momento se alinhando com Pedro, a obriga a ter que entrar em contato com seu alinhamento em sala de aula e a rever as suas expectativas quanto ao que ela espera da aula e do professor. Em segundo lugar, Carolina vive o pedido de Pedro (linha 104) como algo impositivo que ameaça a sua própria individualidade. Ela possivelmente não quer ser vista (e nem quer se ver) como alguém que tem as mesmas idéias e necessidades que Pedro, por isso ela muda de alinhamento ao pedir ao professor na linha (105) que explique logo a matéria. Desta forma, ela recupera a sua individualidade, salva sua face negativa, e evita de questionar até que ponto ela e Pedro são parecidos.

#### 4.3.2.1.3

##### A função da reclamação no discurso de Carolina

Existem momentos em que o ato de reclamar no discurso de Carolina tem função educadora. Vejamos a seguir como isso é verbalizado.

#### 4ª entrevista – momento 3

|   |           |  |
|---|-----------|--|
| 1 | Carolina: | (...) na verdade, eu até acho que sou uma pessoa crítica demais.     |
| 2 |           | então, por exemplo: Pedro chegou atrasado de novo. óbvio que eu      |
| 3 |           | vim reclamando de lá até aqui <sup>44</sup> dizendo: “cara como você |
| 4 |           | esquece de algo que você marca?” e ele: “a já tá você reclamando     |
| 5 |           | aí de novo”. porque é incessantemente isso. e ele vem mudo,          |
| 6 |           | calado, dizendo “você está sempre reclamado”. tudo bem eu já         |

<sup>43</sup> 1ª entrevista – momento a ser tratado no Capítulo 5

|           |   |
|-----------|---|
| Carolina: | esse negócio de cópia é um problema.  |
| Mônica:   | e um problema, né ?   |
| Carolina: | é em todas as matérias.   |
| Mônica:   | por que?  |
| Carolina: | não sei se é porque não sabem copiar, porque não sabem copiar, ou não sabem fazer as duas coisas ao mesmo tempo, não sabem prestar atenção. |

<sup>44</sup> Se refere ao dia da segunda entrevista quando Pedro faltou e depois encontrou com ele na saída da entrevista.

|    |  |
|----|--|
| 7  | entendi que não dá pra eu mudar esse tipo de atitude dele, aliás eu                  |
| 8  | tenho que entender, que desistir disso, agora o que eu tento                         |
| 9  | colocar é: “vai chegar atrasado? então avisa”. é mais numa de                        |
| 10 | tentar ensinar de botar coisas na cabeça deles. não que eu saiba                     |
| 11 | tudo, não sou uma regra de educação. posso também chegar<br>atrasada <sup>45</sup> . |

Na cena descrita observamos um posicionamento crítico ao querer ensinar as regras de boa educação ao colega (linhas 9-10). Pedro por sua vez se posiciona como o aluno que está ouvindo a lição como se fosse um filho que deve ouvir a mãe (linhas 4-6). Carolina quer ensinar a Pedro que ele deve se colocar no lugar do outro – quer dizer, Pedro deve entender que as pessoas não estão à sua disposição e que deixar alguém esperando é falta de respeito. Porém, Carolina não entende que Pedro possa ter chegado atrasado ou não ter avisado porque talvez não queira falar sobre sua relação com Carolina e sobre outros assuntos que podem surgir no decorrer das entrevistas<sup>46</sup>.

Então esta relação mãe/filho ou irmã mais velha/irmão mais novo perpassa as interações em sala de aula – o desejo da Carolina de que Pedro aprenda boas maneiras, a se comportar dentro e fora de sala de aula, transforma a relação que aparentemente está permeada de agressividade, em uma relação permeada de cuidados pelo colega. Concluindo, a reclamação de Carolina em relação ao alinhamento de Pedro em sala de aula assume um caráter educativo.

#### 4.3.2.2

##### Os relatos de Pedro

No início da terceira entrevista pergunto a Pedro se ele tem conflitos com Carolina. Pedro revela sua expectativa em relação à aula e imediatamente fala sobre questões mais pessoais acerca da sua relação com Carolina. Abordaremos este segmento focalizando quatro aspectos que se destacam em sua narrativa. São eles: 1) a relação complexa co-construída com Carolina; 2) a indefinição em seu

<sup>45</sup> Carolina chegou para a entrevista com mais ou menos uma hora de atraso; quando ela chegou Pedro e Henry tinham acabado de sair.

<sup>46</sup> Na terceira entrevista, quando Henry se dirige a Pedro dizendo: “Eu fico mais na minha mas tu sabe cara tu se mete na vida do outros tu não faz isso por mal tu faz para ajudar a pessoa, mas entendeu, tem gente que não gosta”. Depois deste comentário Pedro ficou mudo, visivelmente mobilizado e não conseguiu falar mais sobre sua relação com Carolina.

discurso; 3) a função da reclamação na relação com a colega; e 4) a mitigação da hostilidade em seu discurso. Vejamos o segmento abaixo:

### 3ª entrevista – momento 2

|    |         |   |
|----|---------|---|
| 1  | Mônica: | você acha que você tem conflitos com a Carolina?                    |
| 2  | Pedro:  | a gente discutia muito porque temos idéias diferentes, por          |
| 3  |         | exemplo eu queria que a aula acabasse mais cedo e a Carolina não    |
| 4  |         | gostava muito.  |
| 5  | Mônica: | pois é, isso aparece nas transcrições das aulas. vocês brigavam por |
| 6  |         | causa disso.  |
| 7  | Pedro:  | é mas a gente briga só ali, depois a gente sai e toma um chope.     |
| 8  |         | não, não é só isso não. tem muita coisa.                            |
|    |         | [rindo].  |
| 9  | Mônica: | ( ).  |
| 10 | Pedro:  | a Carolina gosta de reclamar, e eu também, então quando eu falo     |
| 11 |         | algo que ela não gosta, ela reclama, quando ela reclama, eu         |
| 12 |         | reclamo também.   |
|    |         | [rindo]   |
| 13 | Mônica: | dá um exemplo do que ela reclama.                                   |
| 14 | Pedro:  | de mim, tipo quando eu faço alguma coisa que ela não gosta ela      |
| 15 |         | reclama. geralmente ela não reclama do professor, ela conversa e    |
| 16 |         | tal. ela reclamava de um professor que ela não gostava muito e      |
| 17 |         | fora da aula ela malhava ele e a galera concordava. mas eu gosto    |
| 18 |         | dele como pessoa mas acho que como professor não tem didática.      |
| 19 |         | mas ai a gente debatia sobre isso. mas a gente sempre se falava     |
| 20 |         | numa boa.   |

#### 4.3.2.2.1

##### As duas facetas da relação Pedro-Carolina

Na linha (2) Pedro admite que ele e Carolina não compartilhavam das mesmas expectativas em relação à aula. Contudo, logo depois da minha confirmação de que as brigas foram registradas nas filmagens, Pedro se justifica como pode ser observado a seguir:

|   |         |   |
|---|---------|---|
| 5 | Mônica: | pois é, isso aparece nas transcrições das aulas. vocês brigavam por |
| 6 |         | causa disso.  |
| 7 | Pedro:  | é mas a gente briga só ali, depois a gente sai e toma um chope.     |
| 8 |         | não, não é só isso não. tem muita coisa.                            |
|   |         | [rindo].  |

Na linha (7) Pedro mostra que sua relação com Carolina é muito mais complexa do que aparentava ser. As brigas em sala, que norteiam os enquadres de conflito, caracterizam uma faceta desta relação. Segundo Pedro, fora do contexto de sala de aula estes enquadres de conflito não se sustentam, pois perdem seu sentido. A atividade de sair e tomar um chope retrata um alinhamento de

*camaradagem*, ou seja, outra faceta da relação. Por este motivo, Pedro quer deixar claro que a agressividade que irrompe durante as interações em sala de aula não tem o poder de contaminar o vínculo de *rapport* co-construído fora do contexto acadêmico. Segundo Bateson (1972:180 in Ribeiro & Garcez, 1998:60):

A dentada de brincadeira denota a mordida, mas não denota o que seria denotado pela mordida.<sup>47</sup>

Pedro quer dizer que as brigas podem ser interpretadas como um comportamento antagônico para quem está de fora da relação, porém para ele, que compartilha com Carolina de uma história e de experiências que possuem um sentido compartilhado e particular, a língua agressiva não representa um ameaça para a relação.

#### 4.3.2.2.2

#### O discurso ambíguo e o alinhamento ambivalente

Na linha (8) Pedro lança mão de um discurso ambíguo. Na elocução: “não é só isso não”, o pronome demonstrativo “isso” refere-se 1) à briga na sala de aula; 2) à saída para tomar chope; ou 3) a uma terceira informação que não foi verbalizada? Suponhamos que Pedro está se referindo à briga. Lembremos que eu havia feito um comentário (linhas 5-6) ratificando seu relato no seu turno anterior (linhas 2-3-4), quando ele fala sobre as idéias diferentes entre ele e Carolina e como isso provocava discussões entre eles. Na linha (6) “disso” se refere ao horário do término da aula. Então, quando Pedro diz: “não é só isso”, ele está dizendo que as discussões ou brigas não ocorriam **apenas** por causa destas “idéias diferentes” (linha 2); havia outros motivos, outros fatores envolvidos.

A elocução “não é só isso não” obscurece mais do que clareia o seu relato. Evidentemente Pedro não quer revelar o que ele quer dizer por “muita coisa”, preferindo deixar seu relato indefinido ou permeado de ambigüidade. Concluindo, Pedro está insinuando que as brigas são decorrentes de uma relação pessoal construída fora do contexto da sala de aula.

Agora consideremos a segunda opção. Se o pronome “isso” faz menção à saída para tomar um chope com Carolina, a frase “não é só isso” faz alusão a

<sup>47</sup> No original: “The playful nip denotes the bite, but it does not denote what would be denoted by the bite.”

outras atividades realizadas fora do contexto da sala de aula. A imprecisão no seu comentário e o riso que acompanha seu relato são pistas de contextualização que nos fazem pensar numa relação que vai além de uma amizade entre colegas. Novamente vemos uma relação pessoal afetando as interações entre eles em sala de aula. Até certo ponto, Pedro quer que eu entenda que sua relação com Carolina é investida fora do âmbito da sala de aula; por outro lado, ele não quer que eu entenda exatamente o que isso significa. Então podemos entender que neste momento, Pedro alinha-se ambivalentemente na entrevista.

#### 4.3.2.2.3

##### O papel da reclamação no discurso de Pedro

Entre as linhas (10-20) Pedro elabora um pouco mais sobre a dinâmica de sua relação com Carolina, destacando a função que reclamação tem na interação com a colega. Vemos que o uso do verbo “reclamar” está sendo empregado como sinônimo de brigar e discutir. Focalizemos o segmento a seguir:

|    |        |   |
|----|--------|---|
| 10 | Pedro: | a Carolina gosta de reclamar, e eu também, então quando eu falo |
| 11 |        | algo que ela não gosta, ela reclama, quando ela reclama, eu     |
| 12 |        | reclamo também.   |
|    |        | [rindo]   |

Observemos, através do olhar de Pedro, o papel do ato da reclamação na vida de Pedro e Carolina. Os dois compartilham do gosto pela reclamação (linha 10) e isto cria e alimenta o *envolvimento conversacional* (Tannen, 1989). Pedro e Carolina parecem estar desempenhando uma dança; com passos ritmados e uma cadência similar, eles interagem reclamando, se aproximam reclamando, se entendem reclamando.

#### 4.3.2.2.4

##### A mitigação da hostilidade

Outra questão importante é até que ponto Pedro procura mitigar a hostilidade na sua relação com Carolina. Percebemos esta dinâmica em dois momentos:

##### 3ª entrevista - momento 2a

|   |        |   |
|---|--------|---|
| 7 | Pedro: | é mas a gente briga só ali, depois a gente sai e toma um chope. |
|---|--------|---|

**3ª entrevista - momento 2b**

- 13 Mônica: dá um exemplo do que ela reclama.  
 14 Pedro: de mim, tipo quando eu faço alguma coisa que ela não gosta ela  
 15 reclama. geralmente ela não reclama do professor, ela conversa e  
 16 tal. ela reclamava de um professor que ela não gostava muito e  
 17 fora da aula ela malhava ele e a galera concordava. mas eu gosto  
 18 dele como pessoa mas acho que como professor não tem didática.  
 19 mas ai a gente debatia sobre isso. mas a gente sempre se falava  
 20 numa boa.

Quando Pedro confirma na linha (7) que eles brigam em sala de aula, ele está admitindo que a agressividade faz parte da sua relação com Carolina. Parece que Pedro se assusta ao se ouvir admitir isto, e por isso ele precisa suavizar o fato de brigar com Carolina, empregando a conjunção adversativa “mas”, o advérbio “só” e logo em seguida, complementando com a informação sobre a saída para tomar um chope. Pedro quer deixar claro que as brigas não são evidência de uma relação agressiva.

Pedro termina seu relato (linhas 19-20) usando o verbo “debater” a conjunção “mas” e o advérbio “sempre”. Usando o verbo “debater” Pedro descreve uma cena em que ninguém perdia o controle, ou seja, em que nenhum dos dois expressava nenhum tipo de hostilidade. Como abordado acima, o uso da conjunção “mas” funciona para amenizar as críticas que ele possa ter feito a Carolina. Com isso ele provavelmente quer evitar que eu, como pesquisadora, pense que a relação deles era predominantemente agressiva. Ou seja, ele quer preservar a face desta relação. O uso do advérbio “sempre” (linha 19) pode também ser entendido como um certo temor em expor a face da relação e/ou pode estar indicando medo de se expressar livremente, e conseqüentemente criticar Carolina.

Outra função do advérbio “sempre” diz respeito a uma metamensagem que permeia esta relação. Relembremos um momento da primeira entrevista com Carolina (seção 4.3.1.1). Carolina estava contando sobre as brigas que não deveriam ser lidas como tal:

- 2 Carolina: (.....). e com o Pedro eu brigo o tempo todo; ele já  
 3 assumiu que eu brigo com ele o tempo todo mas na verdade não é  
 4 isso. acha que estou brigando mas não é briga (...).

Na quarta entrevista ela comenta sobre o ato de reclamar estabelecendo uma ligação entre a reclamação e sua relação afetiva com Pedro:

#### 4ª entrevista – momento 4

|   |           |  |
|---|-----------|--|
| 1 | Carolina: | então por exemplo: Pedro chegou atrasado de novo. óbvio que eu       |
| 2 |           | vim reclamando de lá até aqui <sup>48</sup> dizendo: “cara como você |
| 3 |           | esquece de algo que você marca?” e ele: “a já tá você reclamando     |
| 4 |           | aí de novo”. porque é incessantemente isso. e ele vem mudo,          |
| 5 |           | calado dizendo: “você está sempre reclamando”. (...)                 |
| 6 | Mônica:   | pra você a função da reclamação é diferente.                         |
| 7 | Carolina: | a função da reclamação. é eu acho. é tem as pessoas que só           |
| 8 |           | reclamam por reclamar, tipo velho, que resmungam mas eu só           |
| 9 |           | reclamo com quem eu gosto.   |

Na primeira entrevista, Carolina afirma que na verdade não está brigando apesar do Pedro achar o contrário. Com os dados que temos agora, é possível afirmar que Pedro entendia muito melhor Carolina do que ela acreditava; quer dizer, eles estavam funcionando no mesmo enquadre metacomunicativo de *rappor*t e solidariedade. Pedro entendia que a briga de Carolina não era uma briga de verdade – por isso ele nos diz na entrevista: “a gente sempre se falava numa boa”. Portanto existem duas mensagens na elocução de Pedro: 1) mitigar a hostilidade; e 2) marcar que a hostilidade é uma forma carinhosa de se relacionar.

Na quarta entrevista, Carolina relata como chamou a atenção de Pedro e mais adiante estabelece uma ligação entre o ato de a reclamar e sua relação afetiva com Pedro. Pedro entende que existe uma mensagem subjacente nas reclamações de Carolina; as brigas, discussões e reclamações estão permeadas de *rappor*t e por isto segundo ele, “eles sempre se falavam numa boa” (seção 4.3.2.2 - terceira entrevista – momento 2 - linhas 19-20).

#### 4.3.2.3

##### O relato do professor

Agora vejamos o que o professor tem a dizer acerca do vínculo entre Pedro e Carolina:

##### Entrevista com o professor

|   |            |  |
|---|------------|--|
| 1 | Mônica     | como você via a relação entre Carolina e Pedro?                    |
| 2 | Professor: | eu acho que ali, eu não sei, eu acho que era uma relação de amor e |
| 3 |            | ódio na minha opinião, então eu não podia intervir muito,          |
| 4 |            | entendeu? era complicado ali porque eles abaixavam o nível         |
| 5 |            | mesmo, principalmente o Pedro, e era uma coisa que eu achei        |
| 6 |            | melhor não falar nada, ou então a opção era chegar pra ele depois  |
| 7 |            | da aula e falar “não quero isso na minha aula” mas eu não cheguei  |

<sup>48</sup> Se refere ao dia da 2ª entrevista quando Pedro faltou e encontrou com ele na saída.

|    |   |
|----|---|
| 8  | a intervir não. mas eu acho que ali o problema era que o Pedro            |
| 9  | gostava de ser o <u>centro das atenções</u> ; ele era um desses caras que |
| 10 | precisava disso, e quando a outra se mostrava interessada ele tinha       |
| 11 | ciúmes disso, isso que eu acho; e tanto que isso é verdade que ele        |
| 12 | reclamou a nota. o argumento, ele se saiu com um argumento                |
| 13 | <u>inédito</u> na hora de chorar a nota da prova que ele não tinha sido a |
| 14 | nota mais alta (risos) que ele queria mais 0,2 ou 0,3 sei lá na           |
| 15 | questão, para ser a nota igual do outro cara (risos) . ai você sente      |
| 16 | como é que é o ego do cara.   |

Examinemos este relato em duas partes: primeiro concentremos-nos no discurso entre as linhas (2 – 8) que é quando o professor define a relação de Pedro e Carolina e quando ele se posiciona diante dos enquadres de conflito criados por eles; na segunda parte (linhas 8-16) veremos o alinhamento egocêntrico de Pedro e até que ponto esta postura pode originar os enquadres de conflito.

#### 4.3.2.3.1

##### **A relação de amor e ódio e o alinhamento do professor (linhas 2-8)**

O professor entende que havia uma relação de amor e ódio entre Pedro e Carolina, ou seja, que se tratava de uma relação permeada de sentimentos opostos- o amor e o ódio que por sua vez se complementam – a relação de amor só perdura porque o ódio pode ser expresso. Relembrando os segmentos da aula analisada na seção 4.2, percebemos que os alinhamentos de cooperação entre Carolina e Pedro se alternam com os alinhamentos mais agressivos, denominados neste estudo de enquadres de conflito. O professor diz que não se sentia à vontade para intervir nos enquadres de conflito pois notava que estava havendo uma transferência de uma relação pessoal para dentro da sala de aula. O enquadre orientado para a tarefa acadêmica ficava comprometido mas o professor não conseguia exigir que estes enquadres fossem respeitados (linhas 7-8). Felipe verbaliza a sua dificuldade em impor a sua autoridade em sala de aula. Na minha interpretação, existe uma dificuldade de ambos, professor e aluno, com relação ao estabelecimento de limites na sala de aula. Abordaremos esta questão com mais detalhamento no próximo capítulo.

#### 4.3.2.3.2

##### **Pedro como o centro das atenções (linhas 8-16)**

A visão do professor de um Pedro que gostava e precisava ser o centro das atenções e que tinha ciúmes quando Carolina se mostrava interessada na aula

(linhas 9-11 na entrevista com o professor), parece estar de acordo com o relato de Carolina sobre o alinhamento infantilizado de Pedro no **segundo encontro** (seção 4.3.2.1.1). Ilustramos abaixo o momento do **segundo encontro**:

11 Carolina: eram quatro horas da tarde o pessoal de fora olhou e achou que eu  
 12 era a professora, ai ele veio e falou: “conheço ela, ela não é  
 13 professora, ela é aluna, é minha amiga, veio conversar comigo”.  
 14 ele se sentiu responsável, era o pessoal dele e ele me empresta.  
 15 esse tipo de coisa eu acho infantilidade (...).

Havíamos entendido que Pedro precisava marcar bem seu lugar perante os colegas antigos e perante a amiga que acabara de conhecer. Avisar aos colegas que Carolina veio conversar com **ele** (linha 13) foi uma forma de se vangloriar por ele ter feito amizade com alguém mais velho e mais experiente e uma forma de dizer que ele é o centro das atenções de Carolina. A sensação de Carolina de ser manipulada por Pedro (ela se sente um objeto que pode ser emprestado – linha 14) nos remete a um desejo de Pedro de controlar as relações que podem vir a ser construídas entre Carolina e os colegas. Resumindo, neste segmento vemos que Pedro disputa com os colegas a atenção de Carolina.

Recordemos o segmento da aula em que Pedro e Carolina estão negociando com o professor o momento da cópia da matéria:

104 Pedro: deixa a gente copiar, depois você explica.  
 105 Carolina: não, explica logo.  
 106 Pedro: [ ai ele explica e não dá pra copiar.  
 [irritado, olhando para Carolina ]  
 107 Professor: vou explicar, depois vão poder copiar. (...)

Na linha (107) o professor ratifica o pedido de Carolina em detrimento do pedido do Pedro. Estes alinhamentos “amigáveis, cooperativos” entre o professor e Carolina são mais uma evidencia para Pedro de que “não é o único em sala de aula, e que por isso tem que dividir a atenção do professor com os outros colegas” (Allwright, 1995). O fato de ser às vezes relegado a um segundo plano, parece ser insuportável para Pedro. A prova disso é justamente a cena que ele cria quando recebe a nota da prova (linhas 12-16 - entrevista com o professor). Ele consegue provocar a indignação no professor como é visto a seguir:

12 ( ), ele se saiu com um argumento inédito na hora de  
 13 chorar a nota da prova que ele não tinha sido a nota mais alta  
 14 (risos) que ele queria mais 0,2 ou 0,3 sei lá na questão, para ser a  
 15 nota igual do outro cara (risos) . ai você sente como é que é o ego  
 16 do cara.

O argumento da linha (12) soa inédito para o professor porque está deslocado – não é a nota objetiva o que Pedro quer negociar e sim o que esta representa. Pedro depende da valorização externa para se sentir aceito. Baseado no comentário “ai você sente como é que é o ego do cara” (linhas 15-16), podemos compreender que o professor, apesar de estar indignado com a atitude “inédita” de Pedro, compreende a necessidade deste de se sentir valorizado.

Carolina também tinha se alinhado de maneira bastante crítica com relação a este mesmo episódio. Vejamos a seguir um momento da primeira entrevista:

#### 1ª entrevista - momento 4

|   |           |  |
|---|-----------|--|
| 1 | Mônica:   | aha.   |
| 2 | Carolina: | teve um dia eu briguei com o Pedro feio. um dia de entrega de      |
| 3 |           | nota. ele veio pedir meio ponto porque ele queria ficar com a nota |
| 4 |           | mais alta. mas qual é o objetivo? você quer meio ponto porque a    |
| 5 |           | questão está certa ou você quer meio ponto porque você vai ficar   |
| 6 |           | com a nota mais alta? complicado isso, é muito complicado.         |

Carolina, da mesma forma que o professor, censura o colega por ele querer a nota mais alta sem merecer. Porém, Carolina não percebe que Pedro precisa da melhor nota porque esta seria uma comprovação de que o professor gosta dele. Esta necessidade de ser aceito será explorada em mais detalhe no capítulo seguinte.

#### 4.4 Fechamento

O paradoxo da agressão-brincadeira operando em um mesmo enquadre interacional caracteriza a relação complexa de Pedro e Carolina. Os alinhamentos de hostilidade como provocações, brigas e reclamações podem ser formas de expressar *rapport* e os alinhamentos de *rapport* podem esconder a agressividade. Foi também visto que a *brincadeira conversacional* funciona tanto para expressar a raiva ou irritação quanto para tentar lidar com os momentos de maior tensão na

aula. Verificamos que os sentimentos vivenciados na relação fora de sala de aula vêm a tona durante a execução das tarefas na aula.

Foi interessante também perceber que os papéis do sucesso social e acadêmico na vida de Pedro e Carolina têm distintos pesos. Carolina, por ser uma aluna interessada e com mais experiência, atribui grande valor ao sucesso acadêmico e foi visto como ela desejaria que Pedro tivesse esta mesma postura. Em sala de aula, o professor e ela freqüentemente operam através de alinhamentos cooperadores e estes movimentos parecem incomodar Pedro. Pedro, por outro lado, se vangloria do seu sucesso social alegando que ele “é novo e por isso vai para a night” em detrimento de seu sucesso acadêmico, já que está desmotivado por não ver o sentido do que está aprendendo. Então os conflitos entre Pedro e Carolina também decorrem das distintas estruturas de expectativas quanto ao valor da aula. Por causa dessas diferenças, surge um paradoxo na relação: quanto mais Carolina quer ajudar seu colega, dando-lhe conselhos sobre como aproveitar a aula e criticando sua forma de se comportar, mais o está desrespeitando, pois não percebe que ele somente pode mudar tendo suas próprias experiências; as dela não servem para ele. Foi visto também que Carolina se identifica com Pedro na sua dificuldade ou irritação com a atividade da cópia (e por isso rapidamente mudou de alinhamento), assim como no desejo de mandar no colega, como foi visto durante a brincadeira do “mestre”.

O professor faz uma síntese da relação entre Pedro e Carolina caracterizando-a como uma relação de amor e ódio. Os tópicos orientados para a tarefa acadêmica, como a relevância da cópia e os tópicos pessoais como a saída de 6a feira à noite são motivos de discussões calorosas que indicam a existência de uma cumplicidade entre eles. Por isso, a exteriorização da hostilidade tem raízes em uma relação íntima que perpassa as divergências acerca de como executar as tarefas em aula. O professor apreende estes alinhamentos, mas reluta em enfrentar Pedro diretamente; prefere intervir usando um alinhamento solidário para resolver o mal estar provocado por Pedro e Carolina e assim dar prosseguimento à aula. Pedro e Carolina requerem a mediação do professor durante os enquadres de conflito porque precisam que alguém de fora estabeleça um limite entre a agressividade e a brincadeira.

No próximo capítulo analiso as relações entre Pedro e o professor.